

Vinicius de Moraes canta a mulata freyreana

Juliana Franco Alves (Letras – UEL)

Prof^a. Dr^a. Regina Helena Machado Aquino Corrêa (Co-autora)

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Vinicius de Moraes, Negra

Gilberto Freyre, ensaísta e sociólogo, traz à baila durante a primeira metade do século XX, a realidade social e escravocrata dos séculos XVIII e XIX. O autor revela em suas obras, tais como o ensaio Casa Grande e Senzala, a forma como se organizavam negros, índios e brancos na sociedade escravocrata local. Em comunhão com uma linguagem mais leve e próxima do viés literário, expõe a forma como os negros eram percebidos no Brasil de outrora. Um fato que chama a atenção nos apontamentos de Freyre é o valor agregado à mulher negra e à mestiça que coabitavam as casas grandes dos engenhos brasileiros. Esta figura feminina era, segundo o autor, postulada como objeto sexual, em razão dos bons dotes biológicos que possuía. Dona de suntuosas formas, o corpo desta mulher era considerado fonte de grandes prazeres ao patriarca português, sendo entregue à servidão sexual por séculos. Tais práticas enraizaram-se no imaginário nacional e ainda hoje são encontradas nos mais diversificados estratos sociais brasileiros. No que tange a esta temática, o presente trabalho tem por mérito verificar a incidência de tal crença nas obras do poeta e compositor Vinicius de Moraes e confirmar a reprodução deste ideário nos apontamentos do artista.

1. INTRODUÇÃO

A figura do negro na sociedade foi várias vezes associada a elementos negativos e depreciativos da cultura ocidental, dada a uma conjuntura política nos meandros na história local, favorável a este pensamento. Surgido no Brasil como mercadoria e tratado como

fonte de renda pelo colonizador europeu, à este sujeito coube o legado de pária social quando do fim da escravidão.

Em meio às regras de convivência entre negros e brancos nos grandes engenhos nordestinos emerge à centralidade deste trabalho a figura da mulher negra que foi relativizada como objeto de prazer do sujeito europeu no Brasil. Na esfera social, além de submeter-se às configurações de uma sociedade sexicista e patriarcal, a negra da diáspora, devia entregar-se aos caprichos sexuais do senhorio, sob a pena de sofrer severos castigos.

No tocante ao exposto, Gilberto Freyre revela em seu ensaio social, *Casa Grande e Senzala*, o valor atribuído à esta mulher, que acabou por constituir e engrossar o corpo das mulheres empregadas nas cozinhas e demais acomodações senhoriais como mucamas, amas de leite e damas de companhia, mas que em momentos aleatórios serviam também a cama dos senhores, de acordo com os desejos dos mesmos.

2. A NEGRA EM CASA GRANDE & SENZALA

Casa Grande e Senzala, publicado em meados dos anos 1930, é o primeiro livro a estudar e revelar a questão racial no Brasil de forma oportuna para o momento de transformação social, artística e literária pela qual o Brasil vinha passando, levantando a poeira de uma temática até então combatida e pouco estudada, criando os primeiros debates sobre a questão racial no Brasil.

Dentre os muitos temas, Freyre aborda a questão da sexualidade da família patriarcal. Após imensas pesquisas sobre as relações de sexualidade entre negros e brancos o autor da obra citadina revela em seu livro os valores históricos sobre o modo como eram escolhidos as escravas de casa:

Pode-se entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico (...) Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar, ditado em que

se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindims e embelegos, muito mais do que as “virgens pálidas” e as “louras donzelas”. (Freyre.1987:13-14)

Dentre os códigos da sexualidade nacional e calcado nos estudos antropológicos de formação familiar, Freyre constata que a monogamia nunca fez parte da realidade da colônia portuguesa na América, sendo a poligamia uma prática comum entre os homens que possuíam muitas terras e conseguiam manter famílias muito numerosas. (Freyre.1987. 139)

Justificando a escolha de algumas negras para o trabalho dentro da casa grandes, Freyre relata a seguir:

Bons para o trabalho no campo eram os Congo, os sombrenses e os Angola. Os da Guiné, Cabo, Serra leoa, maus escravos, porém, bonitos de corpo. Principalmente as mulheres. Daí serem as preferidas para os serviços domésticos, para o trabalho das casas grandes. (Freyre.1987: 420)

Sendo os atrativos físicos a justificativa mais recorrente pela escolha da negra que integraria o grupo de mucamas, cuja função dentre tantas outras da casa grande, seria a de cumprir aos regalia sexuais do dono do engenho, figurava esta relação como uma profunda violência, representando uma das formas mais marginais e sádicas de estupro, onde à parte dominada cabia somente consentir com as práticas abusivas, podendo, do contrário, sofrer perigosas penalidades.

O mito de que toda mulher negra possui sensualidade e erotismo exacerbado é rechaçado pelo escrito:

Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral – já salientamos em capítulo anterior – é maior moderação de apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. (...) A idéia vulgar de que a raça negra é chegada, mais do que as outras, a excessos sexuais, atribui-se a Ernest Crowley ao fato do temperamento expansivo dos negros e do caráter orgiástico de suas festas criarem a ilusão de desbragado erotismo. (Freyre.1987:440)

Tal fato desbanca o pensamento machista e alienado do homem escravocrata, ou mesmo do homem atual, seja este brasileiro ou estrangeiro, de que toda mulata tem por natureza o requebrado, é ardente e depravada nos atos sexuais ou mesmo, dotada de grande erotismo, e que tal fato seria suficiente para suprir as necessidades sexuais de qualquer cidadão.

Mesmo com os acessos intempestivos dos senhores sobre suas mucamas, figurado como verdadeiros atos de violência humana, algumas jovens mucamas se apaixonavam pelos seus senhores ou pelos filhos dos mesmos, fadadas ao amor platônico e proibido pelas imposições sociais da época. Elas retratavam seus amores furtivos, muitas vezes para as sinhazinhas das quais eram damas de companhia.

Nesse sentido, com base nos expostos torna-se claro as funções da negra dentro da sociedade escravocrata. Diante de tamanhas evidências, é possível entender-se o motivo pelo qual a mulher negra tem conotação tão pejorativa na sociedade brasileira e sua valoração se dá pelo campo da sensualização e do erotismo, apregoados no imaginário local por séculos, devido às circunstâncias pelas quais essa mulher precisou se submeter.

3. UM POUCO DE VINICIUS DE MORAES

Assim como vários escritores do século XX, Vinicius de Moraes também sofreu influência dos escritos freyreanos. Tendo seu período de maior produtividade poética focalizado no segundo momento do Modernismo brasileiro, Vinicius tratou da temática feminina em boa parte de suas obras.

Durante um período de sua poesia, em associação com outros compositores nacionais, encontrou-se uma exaltação à mulata brasileira. Em Vinicius, encontra-se em linhas gerais, a reprodução do imaginário social da época, reforçando em alguns de seus poemas e composições os dotes sensuais e eróticos da afro-brasileira.

As obras do autor corroboram, por vezes, com a manutenção da figura da “mulata literária”, que seria a mulher representada desde os anos oitocentos nas literaturas nacionais. A exemplo desta noção têm-se no romance de Manuel Antônio de Almeida, nos anos de 1853, a mulata Vidinha, personagem afetadamente sensual e amante das festas, que procura envolver o herói Leonardo com seus encantos. Esta seria o tipo social criado para a negra na literatura.

Vinicius falava de amor e de sexo com extrema naturalidade e definia a sensualidade como coisa cotidiana, criticando a poesia que refutava a temática, dizendo que viviam todos aqueles que não falavam sobre sexo viviam encastelados como em “torres de marfim”, o que o colocava como um defensor do erotismo como uma das ramificações da sensualidade (Carneiro. 1984:60).

Pautado sobre esta naturalidade do poeta em falar de temas tão recorrentes na poesia universal, sob formas tão diretas de tratar o amor e o sexo, que as análises dos poemas são construídas, levando-se em conta a grande influência do pensamento freyreano, que contagiou escritores de renome na Literatura brasileira.

4. ANÁLISE DAS OBRAS DE VINICIUS

Mulata no sapateado

Composição: Ary Barroso e Vinicius de Moraes

*Quem tem mais balanço no sapateado
Tem mais molejo, tem mais requebrado,
oi
Do que a mulata tem?*

*Quem é mais faceira, mais apaixonada
Faz mais miséria quando está gamada
Tem mais feitiço que a mulata tem?*

*Quem é que se mostra pro estrangeiro
ver, por favor
Imperador, ou presidente ou qualquer
todo crente que vem ?
Quem? É a mulata só porque ela samba
bem*

Se samba! Oi, se samba!

*Sim, é a mulata seja lá de onde ela for
Pra mexer assim precisa ter aquela cor*

*Tanto faz num samba de partido-alto
Ou no puladinho na ponta do salto
Desenvolvendo seu sapateado*

*Que prazer quando
Ela gira o mostrador
Mulata, meu amor
Mexe que remexe, torna a mexer
Só pra eu ver*

Sob a ode do Samba, Vinicius revela nesta composição, a representação da mulher negra no Brasil do século XX. Exalta o corpo da afro-brasileira em um misto de poesia e prosa. Composto por versos livres, despidos de métrica, o poema remete à cadência do ritmo dançante do samba.

Tipicamente brasileiro e de origem negra, o samba é também um dos grandes motes do autor e sob este viés o poeta traz à cena aquilo que Gilberto Freyre denuncia em Casa Grande e Senzala ao afirmar que no escravocrata a mulata era a preferida pelos senhores de engenho pelo corpo atraente e pelos favores sexuais.

Tal fato é confirmado no início da canção ao ser definida como a mulher do molejo, do requebrado e do samba bom. Este fator, segundo Freyre, fazia com que a mulata fosse preferencialmente escolhida para viver nas casas grandes sob as vistas de seus senhores, ao passo que algumas negras, originárias de algumas regiões africanas, consideradas “feias” pelos seus senhores, eram consideradas próprias para os trabalhos braçais daqueles que habitavam as senzalas, sendo tratada de forma animalésca.

Fadadas à relações abusivas e sádicas, enamoradas de uns poucos homens brancos ou mesmo por pedido das senhoras brancas, as negras ficaram muito conhecidas pelos poderes de magia que possuíam. Eram constantemente procuradas pelos donos das casas grandes para aprontarem feitiços que segurassem casamento, desfizessem outros tantos e por isso acabavam por obterem maior respeito no seio da casa grande, ganhando grandes favores em troca de suas mandingas. Os excertos abaixo corroboram para esta afirmação:

Mas o grosso das crenças e práticas de magia sexual que se desenvolveram no Brasil foram coloridas pelo intenso misticismo do negro; algumas trazidas por ele da África. (Freyre.1987:453)

Este apontamento vem a calhar com a manifestação de Vinicius na segunda estrofe, de que essa mesma mulher é dona da faceirice mulata, digna da mestiça que faz tudo o quanto possível quando se apaixona por algum homem, incluindo os feitiços africanos. Freyre lembra durante a passagem acima que a questão das bruxarias eram, antes de tudo, remetidas às mulheres européias e que morriam na fogueira pelos rituais pagãos, mas remete, contudo, às negras o poder do feitiço, da magia:

Não devemos esquecer o papel importante que chegou a representar o café na magia sexual afro-brasileira. Há mesmo no Brasil a expressão “café mandingueiro”. Trata-se de um café com mandinga dentro: muito açúcar e alguns coágulos de fluxo catamenial da própria enfeitiçante. (Freyre.1987:454)

O poeta expõe ainda na terceira e quarta estrofe o que a mulata representa para os homens quando expõe seu corpo no requebrado da música e exalta seus dotes para o samba, apontado como sensual, figurando-se tal qual um objeto vitrinizado, ao alcance dos mesmos para satisfazer-lhes seus desejos carnavais, conforme retratado nas duas últimas estrofes do poema. Este pensamento reforça o imaginário nacional e o estereótipo criado internacionalmente sobre as mulheres brasileiras

5. CONCLUSÃO

Através dos expostos, efetiva-se a conclusão deste texto com os resultados, por hora, obtidos com a pesquisa. Depreende-se que Vinicius de Moraes, explora durante uma de suas fases como artista o que Freyre relata em seus estudos, ou seja, a mulher mulata é a preferida pelos homens para os momentos de prazer e de diversão sexual.

Vinicius nada mais é do que um representante do pensamento social da época, reforçando o mito da mulata sensual apurado por Freyre em suas obras. É passível, no entanto, de se afirmar que o mito citadino perdura até os dias de hoje e que mesmo em meio a tantas políticas de igualdade racial e de desmistificação dos estereótipos femininos, os homens continuam a imaginar a negra brasileira como objeto de desejo, de fácil aquisição e de prazer garantido.

BIBLIOGRAFIA:

Alma Poética. Vinicius de Moraes XII. Fonte:
<http://almadepoesias.blogspot.com/2008/01/vincius-de-moraes-xii.html>. Acessado em:
25/05/2008.

CARNEIRO, Geraldo. *Vinicius de Moraes: a fala da paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTELO, José. O metafísico popular brasileiro. In: *Bravo*. N.10, ano 01. jul., p.74-81,1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 1936. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.